
ORALIDADE, VARIEDADE LINGUÍSTICA E O PROBLEMA DA MEMÓRIA

Cleomar Poletto y Maria Gorete Neto

DOI: <https://doi.org/10.64890/1.6>



Oralidade, Variedade Linguística e o Problema da Memória

Cleomar Poletto y Maria Gorete Neto

Introdução

O artigo aqui apresentado faz parte de um recorte mais amplo de uma pesquisa de dissertação de mestrado do primeiro autor, defendida em março de 2025, na FAE / UFMG / Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais - Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil, cuja temática investigou *Variações Linguísticas em Narrativas Oraís no Vale do Jequitinhonha – Minas Gerais*. Tal pesquisa, ainda em desenvolvimento, amplia-se ainda mais no atual contexto, tendo em vista os desdobramentos que estão em investigação no doutorado do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem, do Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais - CEFET - MG.

Inicia-se a discussão sobre a temática *oralidade, variedade linguística e o problema da memória*, a partir do ensaio de Walter Benjamin, *O Narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov*.

Nesta obra, Benjamin (1985) debruça-se sobre a arte ancestral de contar histórias. A imagem do narrador, figura central do ensaio, representa uma forma de transmissão de conhecimentos, experiências e saberes tradicionais, em contraste com outras formas de transmissão presentes na modernidade. Para Benjamin (1985), o narrador é o guardião da experiência e da história humana. É o detentor de uma sabedoria que é moldada, tecida e transmitida pela experiência. Apropriando-se da linguagem, da oralidade, ele é capaz de tecer ensinamentos na teia de seus relatos. Todavia, para Walter Benjamin,

tal arte encontra-se em declínio ante as profundas transformações sociais e o advento de outras formas de transmissão.

Segundo Benjamin (1985), o “conselho” —referindo-se às mensagens transmitidas pelas narrativas orais— “tecido na substância viva da existência tem um nome: sabedoria” (p. 200). O que é falado, é tecido, é construído, é vivido. Nessa tecitura, a palavra do narrador reporta fatos vividos. Fala porque viu, fala porque experimentou.

Walter Benjamin (1985) considera que “a arte de narrar está definhando porque a sabedoria —o lado épico da verdade— está em extinção”. Esse “processo vem de muito longe..., nada seria mais tolo que ver nele um sintoma de decadência ou uma característica moderna” (p. 201).

Para o autor, o processo que expulsa gradualmente a narrativa da esfera do discurso vivo, que é vivido, baseado na experiência, vem ocorrendo ao longo do tempo com a evolução secular de forças produtivas e de inventos industriais. O surgimento do romance, segundo Benjamin (1985), e a invenção da imprensa é o primeiro indício da morte do narrador e das narrativas, no início do período moderno.

Benjamin (1985) descreve dois tipos arcaicos de narradores que metaforicamente prospectam os demais: o narrador-viajante —“quem viaja tem muito a contar” (p. 198)— metaforicamente associado a figura do marinheiro comerciante e o narrador “camponês sedentário” (p. 198), que vive da terra, que tem raízes e histórias no seu território.

É sobre estes narradores e de narrativas, prospectados pelo filósofo Walter Benjamin, que nos propomos a falar e como suas vozes podem ser ouvidas, mesmo sendo ecos de tempos passados, de tempos de mudanças, muitas já ocorridas e outras ainda por ocorrer.

Narradores (as) e Narrativas: Uma Busca

Em 1987, inicia-se, no Vale do Jequitinhonha - MG¹, a busca por narradores (as) e por narrativas orais. Neste contexto, os pesquisadores Reinaldo Martiniano Marques da UFMG e Vera Lúcia Felício Pereira da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais - PUC-Minas, iniciaram o projeto Literatura Oral do Vale do Jequitinhonha. Esse projeto, com início em 1987, contou com financiamento do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq e da PUC-Minas. A pesquisa, de acordo com Pereira (1996), “consistiu, na primeira fase, em ganhar a aquiescência dos contadores-narradores para depois conversar com eles e poder ouvi-los” (p. 18). De acordo a autora, “tomavam-se notas, gravavam-se e faziam-se os registros, somente com o consentimento destes e se isso não os desagradasse” (Pereira, 1996, p. 18). Foi assim, entres idas e vindas, que esses pesquisadores foram conhecendo, ganhando confiança e abrindo caminho para novos retornos e registros futuros.

Marques e Pereira (1988), em artigo publicado no periódico *o Eixo e a Roda*, detalham os objetivos e metas da pesquisa sobre Literatura Oral no Vale do Jequitinhonha. Segundo Marques e Pereira (1988), “trata-se de uma pesquisa sobre a literatura popular do Vale, empenhada na recolha e análise de contos, casos, histórias e lendas da região” (p. 173). Envolve, segundo os pesquisadores, o problema da memória. A pesquisa teve por justificativa a intensa e relevante produção cultural na cultura popular do Vale do Jequitinhonha; a preservação da identidade cultural da região; e a criação de uma relação mais efetiva entre sociedade e universidade (Marques e Pereira, 1988).

1 O Vale do Jequitinhonha-MG é uma mesorregião do Estado de Minas Gerais - Brasil, com uma área de aproximadamente 85 mil km². É composto por 54 municípios e é cortado pelo Rio Jequitinhonha que dá nome a região. A formação histórica do território do Vale remonta às primeiras entradas em busca de ouro e pedras preciosas à época do Brasil Colônia. Para mais informações ver a dissertação: POLETTI, C. (2025). *Varição Linguística em Narrativas Orais no Vale do Jequitinhonha – MG*. [Dissertação de Mestrado] Universidade Federal de Minas Gerais. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/81951>. No trabalho há um capítulo que descreve e analisa a conformação histórica e social do Vale.

Ainda de acordo com os autores, o projeto objetivava identificar contos no Jequitinhonha; caracterizar o processo de produção, circulação e recepção; determinar as recorrências temáticas e as preocupações formais nela presentes e divulgar a literatura popular do Vale, partindo inicialmente de cinco municípios, Diamantina, Serro, Minas Novas, Turmalina e Araçuaí e posteriormente para outras cidades (Marques e Pereira, 1988).

Ao término das atividades de campo, em 1990, o projeto Literatura Oral havia gravado, em cinco municípios, o total de 177 narrativas orais que podem ser tipificadas como contos de encantamento, ensinamento, magia, causos e lendas do folclore brasileiro e da região. O projeto identificou 43 contadores (as), sendo 16 mulheres e 27 homens.

Das gravações realizadas pelo projeto Literatura Oral surgiram alguns trabalhos, dentre os quais cita-se o livro *O Artesão da Memória do Vale do Jequitinhonha*, de Vera Lúcia Felício Pereira, publicado em 1996 pela editora UFMG e PUC-Minas.

Na obra, Pereira (1996) retoma os argumentos de Walter Benjamin, sobre os narradores (as) e sobre suas narrativas, causos e contos.

O conto maravilhoso, há séculos transmitidos oralmente, exerce uma função social. Seu enredo oferece conselhos, auxílios, e preenchendo carências satisfaz expectativas dos que leem e dos que não leem... e deixa entrever aos ouvintes e leitores formas mais satisfatórias de vida e o modo de alcançá-las. (p. 51)

A autora apresenta, por meio da obra, a vida de alguns (as) narradores-contadores (as) e registra, a partir da narrativa oral, um pouco da história do próprio Vale do Jequitinhonha. Neste sentido, a palavra do narrador é fonte de informação e registro de tempos que se foram. É registro da história de um povo, e neste quesito, o narrador põe-se como o guardião da memória.

De acordo com Pereira (1996) o narrador do Vale “é tropeiro, como João de Deus, 87 anos quando gravado, quarenta e dois vividos como tropeiro” (p. 20). As narrativas de João de Deus contam histórias de tropeiros, de massa de tropas, logística de transporte disponível nos interiores de Minas e do Brasil à época.

De acordo com João de Deus, citado por Pereira (1996):

A tropa saía daqui, a tropa num tinha massa grande. Só tropa pequena de três légua. A massa maior de tropa era quatro légua. Daí pra trás. Daqui a Teófilo Otoni são doze ponto de arrancha. De volta a mesma coisa. Doze² dia pra cá, doze dia pra lá. (p. 21)

João de Deus foi gravado em 1987, em Minas Novas. Nascido em 1901, certamente viveu à época em que o principal meio de transporte deste país era a massa de tropas. Viveu a transição de dois modais, se assim podemos dizer. Modal puxado por tração animal (mulas e burros) e o modal mecânico rodoviário. Testemunhou o fim de um meio de transporte que levou progresso e desenvolvimento para os interiores do país. Pessoalmente relata a transição dos modais em uma narrativa que está presente no recurso educacional, desenvolvido na dissertação de mestrado profissional da qual se origina esse artigo, apresentado abaixo e que se propõe salvaguardar um corpus de narrativas orais e suas transcrições. Tal recurso foi criado dentro do contexto do mestrado do primeiro pesquisador, após 28 anos do término das gravações em campo no território do Vale.

Trata-se da narrativa “*A história do carro*”, gravada em cassete em 1987, por Reinaldo Martiniano Marques, pelo projeto Literatura Oral. João de Deus relata, na narrativa, a chegada do primeiro carro no Vale. Rememora como a estrada, que era usada por tropa, foi lentamente sendo adaptada para veículos.

² Em todas as inserções de fragmentos de narrativas orais dos (as) narradores (as), foi mantido o texto conforme a transcrição, com todas as variedades linguísticas.

E de lá, de Sete Porta, de Concórdia até a Situbinha é um trecho de estrada muito ruim. Aí eles entrava po córrego do Tamburi, entrô po córrego do Tamburi, passano pela fazenda do Heleno, pra saí na Muvuca, pra saí na Muvuca. Aí uns trecho que era lugar que tinha quatro home de chave, picareta e pá. Aqueles lugá, pa podê passá, fazia aquelas tauba pra Manoel i podeno dirigi. Otros lugá eles vinha fazeno tábua, naqueles lugá de brejo, brejado, mole, eles forrava co' aquelas tábua, o cavalo vinha, era um carro pequeno, num era grande não, o carro passava (João de Deus, 1987, Minas Novas - MG)³.

O contador é agricultor, lavrador, boia-fria como Neném de Araçuaí, um itinerante que retorna com outros saberes. Por analogia, Neném simboliza o “marinheiro mercador” descrito por Benjamin (1985). É o narrador que sai de sua terra, no contexto do Vale, como migrante e boia-fria para trabalhar em lavouras de cana-de-açúcar, café e laranja, nos estados de Minas Gerais e São Paulo, configurando o fenômeno do êxodo rural muito comum no Vale. Neném e outras milhares de pessoas do Vale do Jequitinhonha simbolizam o que Silva (1999) chama de massa de errantes em busca de trabalho e sobrevivência. São pessoas que perderam, na região, as condições de sobrevivência decorrentes da expansão das fronteiras agrícolas, política implementada pela Ditadura Militar brasileira, na década de 60-70.

Vicente Nica, neste contexto, é outro narrador que simboliza a perda da terra e das dimensões simbólicas que ela possui no contexto. Mas, resiliente, pôs-se em luta. Deste modo, Vicente Gonçalves Afonso, mais conhecido como Vicente Nica, nascido em 1932 na Grota do Barreiro, em Turmalina - MG, posseante em fazenda posteriormente reivindicada por fazendeiros, não se

3 O fragmento citado acima faz parte da narrativa oral gravada em 1987 em Minas Novas – MG e pode ser ouvida, pois encontra-se no formato MP3 no site Narrativas em Rede. Link para o áudio: https://drive.google.com/drive/folders/1N6PorL_obcnVtDb4R11GAqnZKPANsIjZ. A transcrição também encontra-se disponível e pode ser lida simultaneamente à escuta do áudio. <https://drive.google.com/drive/folders/1D55VLM3eMXLDyRAD24C-G7F51glUv7NyU>

tornou Vicente Nica apenas pela forma como lavrava a terra enquanto agricultor, mas enquanto agricultor que lutou e denunciou a expropriação das terras no ciclo desenvolvimentista empreendido na década de 60/70.

É histórica a luta travada por Vicente Nica e outros posseiros de Mato Grande e São Miguel para manter suas posses quando a família França reivindicava para si a propriedade de 14 mil hectares de terra, já ocupados por lavradores que de geração em geração faziam uso delas (Leite, 2015). Além do mais, Vicente Nica denunciou a ocupação das chapadas pela monocultura do eucalipto que se alastrava pelo Vale, encurralando os agricultores nas grotas por causa da tomada das chapadas que eram áreas de uso comum. Destacou-se por pensar um modelo de agricultura que procurava consorciar uso do solo com proteção ao meio ambiente (Leite, 2015, pp. 66-83).

Na obra de Silva (1999), encontra-se a denúncia de Vicente Nica à forma de ocupação das terras pela monocultura de eucalipto, que no Vale se deu com o apoio técnico e financeiro do Estado.

Eles compravam as terras do lado, iam cercando o sujeito. Plantava eucalipto e cercavam a área. Eles queriam terra plana. Passava com o trator nas terras do sujeito que não queria vender, e ai iam destruindo tudo. Foi o jeito de forçar a venda. Vendia pelo preço que eles queriam ...ninguém entendia de valor de terra. (p. 59)

O narrador é garimpeiro, agricultor, poeta, escritor. É inspiração. É trabalhador no serviço público dos correios como Pedro Braga, que para não deixar cair no esquecimento as lembranças do Vau, passou a registrar tudo em papel. Pereira (1996) descreve:

No seu objetivo de não deixar que sua terra caia no esquecimento total, ele registra cuidadosamente nos seus cadernos toda a história do lugar. As lendas referentes aos pontos topográficos, as famílias proprietárias e sua descendência e os casos dos escravos... os cadernos de Seu Pedro são

preciosidades à espera de estudiosos que, admitindo o espaço da diversidade e do conflito, sempre presentes, queiram dar-lhes agora a voz. (p. 21)

Souza (2006) foi um destes pesquisadores a que se refere a autora. Com seus trabalhos ajudou a dar voz a Pedro Braga. Localizou junto à família do contador quatorze cadernos manuscritos em verso e prosa, dos quais muitos compõem a sua dissertação de mestrado. Ainda de acordo com Souza (2018) Pedro Braga inspirou Eliane Caffé a criar o personagem Antônio Biá, do filme *Narradores de Javé*, de 2003. Eliane Caffé tomou conhecimento de Pedro Braga por meio do livro *Artesão da Memória*, de Vera Lúcia Felício Pereira e com ele trocou correspondência⁴.

Sobre Pedro Braga, disserta Pereira (1996):

Seu Pedro é, no Vau, agente dos Correios e, ao sentir-se na obrigação de manter o posto aberto, único fio de comunicação e vínculo com o progresso, escreve cartas aos que conhece ou de quem já ouviu falar. Como muitas pessoas o procuram, atraídas pela sua fama de contador, solicita aos visitantes o endereço na esperança de que, enviando e recebendo muitas cartas, consiga impedir o fechamento da única instituição que liga sua terra ao resto do país. (p. 30)

Se Neném de Araçuaí prospecta o narrador “marinheiro mercante”, Pedro Braga prospecta a imagem do “narrador camponês”, sedentário, que preso a sua terra, mantém por meio da escrita a memória do passado e suas tradições. Os (as) narradores (as) do Vale, prospectados no par viajante/sedentário, marinheiro/camponês são figuras que não estão oposição, ao contrário, complementam-se num devir. Formam e se conformam.

4 Eliane Caffé tomou conhecimento de Pedro Braga quando gravava Kenoma também no Vale do Jequitinhonha, em Araçuaí, na comunidade do Itira, cravada no encontro das águas dos rios Araçuaí e Jequitinhonha.

Benjamin (1985) desenvolve tal pensamento, em *o Narrador*, dizendo que os camponeses e os marujos foram os primeiros mestres da arte de narrar, no entanto, foi da síntese entre o sedentário e o viajante que a arte de narrar foi aperfeiçoada.

Se os camponeses e os marujos foram os primeiros mestres da arte de narrar, foram os artífices que aperfeiçoaram. No sistema corporativo associava-se o saber das terras distantes, trazidos para casa pelos migrantes, com o saber do passado, recolhido pelo trabalhador sedentário. (p. 199)

Feito esta prévia explanação de alguns narradores, passa-se agora para a segunda etapa, discutindo e apresentando o trabalho realizado pelo segundo projeto que se pôs a registrar narradores (as) e narrativas no Vale do Jequitinhonha - MG.

Narradores (as) e Narrativas: Novos Encontros

O Boletim da UFMG nº 1321, ano 27 de 2001, relata que o Projeto Quem Conta Um Conto Aumenta Um Ponto foi criado no ano de 1995, pela professora Sônia Queiroz, da faculdade de Letras da UFMG. Durante sua vigência, ele foi financiado pela Pró-reitoria de Extensão da UFMG - PROEX. Destaca-se, todavia, que a execução se deu dentro do programa Polo Jequitinhonha da UFMG.

Existente desde 1996, o Polo Jequitinhonha da UFMG desenvolve e desenvolveu inúmeros projetos, em diferentes áreas: educação, meio ambiente, geração de renda, direitos humanos, direitos das mulheres, preservação e gestão das águas, valorização e desenvolvimento da cultura regional, artesanato, música, canto, dança e literatura oral, entre outros. Convém registrar aqui, que no ano 2026, o Polo fará 30 anos de existência e atuação com e no Vale do Jequitinhonha. Ele sempre esteve sobre a coordenação da Dra. Maria das Dores Pimentel Nogueira, pesquisadora e servidora extensionista da UFMG.

Sobre o guarda-chuva do Polo Jequitinhonha, o projeto Quem Conta Um Conto Aumenta Um Ponto recebeu da professora Vera Lúcia Felício Pereira, por meio de doação⁵, o acervo de narrativas orais gravado pelo projeto Literatura Oral, entre 1987 e 1990. De posse do inventário com 177 narrativas e 43 narradores (as) identificados, o projeto Quem Conta Um Conto retoma as gravações e em 1997 termina seus registros em campo. Assim, em mais dois anos de pesquisa ele inventaria e grava mais 78 narrativas e 13 contadores, 07 homens e 06 mulheres, nos municípios de Araçuaí, Minas Novas e Turmalina. Tal projeto expandiu a pesquisa para Jenipapo de Minas e Malacacheta, municípios que o projeto Literatura Oral não havia alcançado de 1987 a 1990. Observa-se que um contador do município de Minas Novas, Sr. Joaquim Soares Ramos, foi gravado pelos dois projetos.

Desta forma, atuando em 10 anos de pesquisas, os projetos Literatura Oral e o projeto Quem Conta Um Conto conseguiram registrar, documentar e gravar um total de 255 narrativas e 55 narradores (as). Tais narrativas podem ser tipificadas como contos de encantamento, ensinamento, magia, causos e lendas do folclore brasileiro e da região.

Se ao projeto Literatura Oral coube gravar 69,4% das narrativas, coube ao projeto Quem Conta Um Conto ampliar a busca por novos contadores (as) e novas narrativas, e ao mesmo tempo, coube-lhe transcrever⁶ 200 narrativas orais dentre as 255 gravadas. Das transcrições surgiram alguns trabalhos publicados pelo Polo Jequitinhonha da UFMG.

5 Todo o acervo físico de fitas cassetes encontra-se no acervo documental do Polo Jequitinhonha UFMG, na Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, Brasil. As narrativas encontram-se em 57 fitas cassetes que foram gravadas de 1987-1997, em 10 anos de pesquisa. As gravações somam quase cem horas de registros orais.

6 A transcrição pode ser conceituada como técnica de escrita da fala. Tudo que é falado é transformado em palavras fielmente, sem acréscimos, recortes ou supressões. Procura-se por meio de recursos aproximar ao máximo a escrita da fala. Por exemplo, para expressar dúvidas, silêncios, hesitações num processo de transcrição usa-se reticências... risos devem ser identificados com a palavra (risos) entre parênteses.

Em posse de todo o acervo de narrativas, o Polo publicou e deu publicidade a algumas, sendo: *7 histórias de encanto e magia (livro e CD)* de Queiroz et al. (1999); *No tempo em que os bichos falavam (livro e CD)*, de Queiroz et al. (2009); e outras obras que direta ou indiretamente tiveram como substrato de pesquisa as narrativas orais gravadas e transcritas, como a obra de Antunes e Ferraz (2013), intitulada *Dicionário do dialeto rural no Vale do Jequitinhonha*; e de Souza (2014), audiolivro *Negros pelo Vale*.

Do total de 255 narrativas gravadas, apenas 49 estavam em formato MP3 anterior à pesquisa empreendida pelo primeiro pesquisador, sob orientação de Maria Gorete Neto, em coautoria neste artigo. Cita-se 35 narrativas disponíveis, em formato MP3, no audiolivro *Negros pelo Vale*, do trabalho de Souza (2014) e as 14 faixas dos dois CDs referenciados acima.

Souza (2014) analisa 35 narrativas e esclarece que a figura do homem e da mulher negra aparece, na maioria das vezes, como escravizado (a), condição que marcou sua entrada no Vale para exploração do ouro e pedras preciosas, em Diamantina, Minas Novas, e demais municípios da região. Em outras narrativas, apesar de não aparecer como escravizado, o negro é situado em uma posição inferior na hierarquia social, sendo visto em algumas sob um ângulo estereotipado. As narrativas analisadas por Souza (2014) podem ser ouvidas no link do audiolivro: https://www.youtube.com/playlist?list=PL_Pnj-SYHnV9YrMRkELrGoqXV4PNeggo

Outro trabalho que surgiu, tendo por base as narrativas, foi a publicação de Antunes e Ferraz (2013), *Dicionário do dialeto rural no Vale do Jequitinhonha*. As autoras, junto com colaboradores, registram do corpora de referência uma nomenclatura de mais de 1.000 unidades léxicas. A obra registra a lexicografia da cultura oral no Vale. Envolve conhecimentos linguísticos, históricos e sociais. Segundo Maria Cândida Trindade Costa Seabra, prefaciadora de Antunes e Ferraz (2013), a produção da obra “dá existência escritural à fala” (p. 11).

Recurso Educacional: site Narrativas em Rede

Das pesquisas empreendidas no mestrado profissional em Educação e Docência da Faculdade de Educação UFMG, Belo Horizonte, Minas Gerais, foi possível perceber que as 255 narrativas em áudio e as 200 narrativas transcritas pelo projeto Quem Conta Um Conto Aumenta Um Ponto compõem um corpus de mais de 168 mil palavras. Tal corpus, áudios e transcrições, até o ano de 2024, não havia passado por uma investigação sob a perspectiva da sociolinguística variacionista, não totalmente. Ressalva-se ao argumento explicitado, o trabalho de transcrição realizado pelo Projeto Quem Conta Um Conto.

Tal projeto realizou um trabalho criterioso nas transcrições, com o intuito de aproximar-se ao máximo da oralidade dos narradores, e conseguiu materializar na escrita a variedade linguística falada de 1987 a 1997. A escritura da língua em uso registrada pelas transcrições, com suas singularidades e particularidades, constituiu-se num acervo de grande valor para pesquisas na perspectiva da sociolinguística variacionista, tanto para estudos sincrônicos como para estudos diacrônicos, e nesse contexto, por meio do recurso educacional Narrativas em Rede, agora encontra-se disponível para pesquisadores (as).

Inserido neste contexto, objetivando sistematizar as variações linguísticas percebidas nos áudios e nas transcrições, deu-se em 2025 a defesa da dissertação intitulada “Variação Linguística em Narrativas Oraís no Vale do Jequitinhonha - MG, no programa de Pós-Graduação em Educação e Docência da FAE - UFMG. Para obtenção do título de mestre, esse programa exige, além da dissertação, a produção de um recurso educacional. Desta forma, foi elaborado no contexto da pesquisa o recurso educacional denominado Narrativas em Rede. Trata-se de um site cujo objetivo é salvaguardar da perda e do apagamento histórico o corpus de narrativas oraís que fora gravado em fita cassete, conforme referido. Esse corpus demonstra a língua em uso como parte indissociável da história e da conformação histórica do

território do Vale. Assim sendo, analisar a língua falada em determinado momento histórico permite acessar e (re)construir memórias.

O recurso educacional Narrativas em Rede, que pode ser acessado no site <https://www.ufmg.br/polojequitinhonha/narrativas-em-rede/>, surge a partir da necessidade de se preservar e salvaguardar o corpus de narrativas orais que foram gravadas e transcritas a muitas mãos. Como dito acima, apenas 49 narrativas estavam em formato MP3. As 35 narrativas em formato digital no audiolivro *Negros Pelo Vale* elaborado por Souza (2014) e as 14 faixas em dois CDs físicos. As demais 206 narrativas encontravam-se em fitas cassetes, tecnologia hoje obsoleta e em desuso, conforme imagem abaixo.



Imagem: fotografia do acervo fita cassetes.

Objetivando a salvaguarda desse rico patrimônio oral, iniciou-se em 2024 a digitalização de todo o acervo, cuja meta foi converter todas as narrativas para o formato MP3; criar um site para situar o conteúdo e disponibilizar as narrativas (áudios e transcrições), possibilitando usos educativos, estéticos, artísticos e a preservação do dialeto do Vale do Jequitinhonha - MG, como patrimônio imaterial que precisa preservado e estudado.

Para a extração dos áudios para o formato MP3 foi necessário muita atenção e escuta para demarcar e localizar com precisão as narrativas. Para tanto, utilizou-se de dois recursos: aparelho de som tocador de fita cassete e o software Audacity instalado em computador para salvar, cortar e trabalhar as narrativas. Após centenas de horas de trabalho, pesquisa e dedicação, foram localizadas no acervo de fitas cassete 255 narrativas orais, cujo tempo das faixas, hoje em formato MP3, variam de 01 a 44 minutos, de acordo com a estilística do (a) narrador (a). A narrativa *O Minino Sarvado Ligerio*, contada por Silvânio, em Rubim - MG, em 1989, tem, por exemplo, exatamente 44 minutos e 15 segundos como se pode ver e ouvir no link: https://drive.google.com/drive/folders/1P5xhWV7VAGG3Tm3obHJBi_DivQnA88jy Atualmente, todas as 255 narrativas em formato digital MP3 e as 200 transcrições compõem o recurso educacional Narrativas em Rede, site <https://www.ufmg.br/polojequitinhonha/narrativas-em-rede/>

Considerações Finais

No recurso educacional Narrativas em Rede, desenvolvido no escopo do mestrado profissional da FAE/UFMG, professores, educadores e escolas poderão fazer uso das narrativas em áudio e das transcrições, buscando desenvolver —em consonância com a Base Nacional Curricular Comum - BNCC (Brasil, 2018), documento que norteia a construção de currículos nas escolas brasileiras— as habilidades necessárias para a compreensão de que existem diversas variedades linguísticas no português brasileiro e que todas devem ser valorizadas.

Além do mais, Narrativas em Rede propõe evidenciar a tradição oral, o (a) narrador (a) do Vale do Jequitinhonha e ao mesmo tempo registrar a oralidade, o dialetal e a estilística típica deste território, pois entende-se que a língua em uso no contexto de 1987-1997 tem singularidades que pertencem àquelas comunidades. Assim, nas narrativas entrevê-se memórias do território do Vale. No escopo das narrativas contadas, tais memórias surgem nos modos de narrar e atravessam as histórias de vida dos (as) narradores (as).

No recurso educacional, Narrativas em Rede, é possível conhecer como se deu e qual foi o percurso realizado para que 255 narrativas orais do Vale e suas transcrições pudessem agora estar disponíveis para usos educativos ou somente para usos estéticos, visto que as narrativas possuem a isca do encanto e da magia, típico do discurso narrativo.

Em Narrativas em Rede é possível conhecer um pouco da história do próprio Vale. É o Vale retratado pela fala, construído, tecido. Como pontuado, o Vale, com suas tradições e histórias, pode ser conhecido e interpretado pela voz do (a) narrador (a) que viu, viveu e testemunhou fatos e momentos de tempos passados.

Criar o site Narrativas em Rede, 28 anos após as últimas gravações de 1997 no Vale do Jequitinhonha, torna-se deveras relevante devido ao risco de perda do acervo físico, pois a tecnologia de fita cassete não é mais produzida e está em desuso há décadas. A criação do site ganha destaque e relevância, dada a necessidade de preservar o dialetal registrado no corpus de narrativas (áudios e transcrições). Ademais, concluindo, entende-se que registrar, documentar e preservar tal acervo é uma forma de possibilitar, ainda que parcialmente, o contato com a oralidade, mecanismo de transmissão de conhecimento que vigorou por séculos na história da humanidade e que, em muitas sociedades, encontra-se atualmente ameaçado ante o avanço de novos modos de produzir e transmitir saberes.

Referências

- Antunes, C. e Ferraz, A. (2013). *Dicionário do dialeto rural no Vale do Jequitinhonha - Minas Gerais*. Editora UFMG.
- Benjamin, W. (1985). *Ensaio sobre literatura e história da cultura*. Editora Brasiliense.
- Brasil. Base Nacional Comum Curricular (2018) Brasília, DF: Ministério da Educação. Disponível em: <https://basenacionalcomum.mec.gov.br/>
- Leite, A. C. G. (2015). O campesinato no Vale do Jequitinhonha: da sua formação no processo de imposição do trabalho à crise da (sua) reprodução capitalista. [Tese de doutorado]. Universidade de São Paulo.
- Marques, R. M. e Pereira, V. L. F. (1988). *O Eixo e a Roda: Revista de Literatura Brasileira*. Universidade Federal de Minas Gerais.
- Pereira, V. L. (1996). *O Artesão da memória no Vale do Jequitinhonha*. Editora UFMG e Editora PUC-Minas.
- Poletto, C. (2025). *Varição Linguística em Narrativas Oraís no Vale do Jequitinhonha - MG*. [Dissertação de mestrado]. Universidade Federal de Minas Gerais.
- Queiroz, S. M. M., Campos, A. R. e Carvalho, G., (1999). *7 histórias de encanto e magia*. Programa Polo de Integração da UFMG no Vale do Jequitinhonha. Editora Lutador.
- Queiroz, S. (2009). *No tempo que os bichos falavam*. Programa Polo de Integração da UFMG no Vale do Jequitinhonha. Editora Lutador.
- Silva, M. (1999). *Errantes do fim do século*. Fundação Editora da UNE.
- Souza, J. F. (2006). *Pedro Braga: Uma voz no Vau*. [Dissertação de mestrado]. Universidade Federal de Minas Gerais.
- Souza, J. F. (2014). *Negros pelo Vale*. Universidade Federal de Minas Gerais.
- Souza, J. F. (2018). *Conforme certas tradições: Pedro Braga*. Edições Bichinho Gritador.